

A educação pelos clássicos e a distância: Uma inspiração em Mortimer Adler (parte 1)

Rochelle Cysne Frota D'Abreu¹

Um pequeno relato: preâmbulo de uma vitória anunciada

O ensaio que ora escrevo, inspirado em minha história de vida enquanto leitora, procura resgatar o fio que a teceu, enquanto pessoa completamente apaixonada por livros. Lembro-me que, desde pequena, na minha casa, faltava quase tudo, para lembrar aquela canção do PE. Zezinho, mas nunca faltaram os livros. Meu pai, trabalhador incansável, apostou todas as suas fichas na educação dos filhos e hoje vemos que ele fez a escolha certa. Minha ideia, no entanto, é não apenas explorar a leitura dos clássicos na minha autobiografia, mas seus pressupostos pedagógicos e filosóficos e de que modo poderão revolucionar também a educação de humanidades a distância. Como o ensaio saiu maior do que o esperado, ele possuirá 3 partes.

Por que falar disso?

Certamente por eu sentir um forte ímpeto em cuidar para que os demais possam desfrutar da alegria que eu vivo desde a minha tenra infância. Eu não fui completamente uma aluna disciplinada: no primeiro grau sim, mas no segundo grau minha indisciplina falou mais alto devido ao meu amor pelos livros. Incapaz de prestar atenção nas aulas de química e biologia na escola, eu lia poemas de Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Augusto dos Anjos, Cassiano Ricardo, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, ainda aos quinze anos. E sabia-os de cor. Para mim era

¹ Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil(2012); Coordenadora da União Brasileira de Educação e Cultura , Brasil

muito triste ter de me conformar com a vida de um estudante que se prepara para o vestibular. Os livros eram a possibilidade d'eu fugir dali.

E isso surtiu efeito. Meu primeiro vestibular, movida pelo desejo de ler, o fiz para Ciências Sociais. Quando eu li o “Manual do Estudante” dizia-se que o profissional desta área tinha de ler muito. Mas eu me decepcionei. Ler muito não era o mais importante: ler os clássicos, sim. Saber que existiam livros que venciam a inclemência do tempo, que existiam obras que transformavam a vida das pessoas, que as deixavam mais inteligentes, cultas, desenvoltas. O meu desejo era superar um complexo de inferioridade que eu possuía por não me sentir suficientemente culta e por considerar que a mediocridade era um mal, assim como uma doença cancerosa que exige resolutamente a cura.

E esta transformação aconteceu ao ler dois clássicos da Filosofia Política: *A República*, de Platão e o *Leviatã*, de Hobbes. Como eu tinha amigos que estudavam Filosofia, percebi que aquele seria o curso certo para mim. Não me arrependi: dentre as várias de minha vida, a Filosofia foi, certamente, a única que não abandonei inacabada. Sou uma apaixonada pela Filosofia, pelos livros de Filosofia, pelos debates filosóficos e pelo modo como a filosofia propõe as questões mais fundamentais da Humanidade.

Em pesquisas recentes, constatou-se que o brasileiro lê em média 3 livros por ano. Média baixíssima, considerado o fato de que deveríamos nos esforçar por ler, ao menos, um livro por semana. Mas o maior problema não é a quantidade módica: o maior problema é a qualidade dos livros lidos. Quem lê livros ruins possui pouca superioridade sobre quem não lê livro nenhum.

Mas por que falar em educação pelos clássicos a distância?

Em dezembro de 2007 recebi o desafio de coordenar um curso de Filosofia em modalidade EAD da Universidade Católica de Brasília. No início, um pouco cética quanto às possibilidades de despertar nos estudantes à distância o desejo e a necessidade de lerem os clássicos, fui sendo vencida pelo valor das evidências: os melhores alunos que eu tive

nestes doze anos de docência superior em Filosofia, eram alunos da EAD. E, assim sendo, eu poderia despertar neles o desejo e o gosto pela filosofia. O perfil dos estudantes ajudava: mais de 50% oriundos de uma segunda graduação, disciplinados, autônomos e desejosos de cultura. Mas o problema persistia: o modo de estudo a distância apenas a partir de aulas prontas (mesmo com a possibilidade sempre presente de acréscimo de novos materiais didáticos, ou de navegação por hiperlinks) esbarrava na competência primordial que deve ser garantida a um estudante de filosofia: a competência em ser capaz de ler todo e qualquer texto de filosofia, seja ele do século IV ou do século XX, seja ele de Filosofia Analítica ou sobre Filosofia da Existência. Nossa tarefa era criar mecanismos que possibilitassem não apenas a leitura destes clássicos, o que era possível com a disponibilização das obras, mas estudar os mecanismos de avaliação dos estudantes, perguntando-nos em que sentido as obras clássicas em questão estavam sendo compreendidas. Havia ainda outro perigo: como garantir que estavam lendo aquelas obras e não colhendo informações sobre tais livros na internet, como resumos, fichamentos, manuais, resenhas? Vejam que este risco não existe apenas na EAD, ele é um risco real da educação, qualquer que seja a modalidade escolhida. Ele se tornava um risco maior para a EAD porque podemos ler estas obras em sala de aula presencialmente com nossos estudantes, o que, aliás, é comum nos cursos de filosofia presenciais. Mas também na modalidade presencial há o risco de não ser garantida a autonomia para se ler todo e qualquer clássico. Eu posso ler com um estudante uma obra e o estudante continuar agindo de maneira passiva diante da obra: ou seja, ele pode continuar incapacitado para o exercício interpretativo e para a leitura ativa da obra em questão. Outrossim, o ambiente virtual e os fóruns de discussão, podem, por outro lado, servirem como ferramentas ativas para a formação de leitores e escritores mais cômicos de seu papel.

A educação pelos clássicos: o encontro com Mortimer Adler

O projeto *Paidéia* e a proposta *Paidéia* de M. Adler podem ser resumidos como um programa de estudos que visa desde a formação das crianças até a faculdade. Segundo Adler, a estreita ligação entre democracia e ensino público só pode garantir o sucesso daquela se o ensino público formar cidadãos críticos e cômicos de seus deveres, direitos e

potencialidades: caso contrário, a educação cai facilmente nas armadilhas ideológicas e serve mais como forma de doutrinação do que de promoção do pensamento autônomo. Nosso objetivo aqui, no entanto, é restringir esta proposta e este projeto, visando apenas a formação pela leitura dos clássicos, a partir dos livros: *Como ler livros* e *Aristóteles para todos*, de Adler e também a partir da proposta da educação pelo Trivium, esboçada no livro com este mesmo título, da Irmã Maria Joseph, também ela discípula de Adler. A escolha do livro *Aristóteles para todos* se justifica pelo fato de Adler considerar que Aristóteles foi o seu grande mestre. Teremos como inspiração o *Didascalicon* de Hugo de São Vítor. Esta restrição visa atingir apenas ao público de universitários em EAD do curso de filosofia, partindo-se do princípio de que todos estes estudantes possuem as habilidades da leitura elementar e inspeccional e que precisam apenas conhecer as ferramentas necessárias para passarem da leitura inspeccional para as leituras analítica e sintópica.

Diz Hugo de São Vítor no *Didascalicon*:

“Há quatro graus nos quais a vida do justo se apoia, sendo por alguns destes degraus que nos elevamos à perfeição da vida futura: a leitura ou o estudo da doutrina; a meditação; a oração; e a operação. (...) o primeiro grau, a leitura, nos concede o conhecimento; o segundo, a meditação, presta-nos conselho; o terceiro, a oração, é humilde ato de pedir; o quarto, a operação refere-se à concretização dos nossos atos; e o quinto, a contemplação, significa o encontrar”. (2015, p. 201).

Segundo o pedagogo e teólogo Hugo de São Vítor os que buscam a filosofia, o conhecimento, devem ter um meio de vida pautado no estudo, o qual começa pela leitura. A leitura, no entanto, deve ser seguida da meditação (o que chamaríamos de reflexão), da humildade (que é a virtude máxima do estudante), para dar frutos, os atos e por fim culminar na contemplação, que é a teorização máxima. Para tanto, o filósofo propõe regras de leitura e uma metodologia para não cansar o estudante com estudos supérfluos e curiosidades malignas (que seriam as distrações inúteis), além de um objetivo preciso para o estudo, isso porque “onde não há um fim, não pode existir descanso; onde não há descanso, não podem existir a paz, onde não há paz, Deus não pode habitar”. (2015, p. 198)

Não podemos simplesmente transpor as etapas do estudo de Hugo de São Vitor para a nossa contemporaneidade, se simplesmente ignorarmos que o estudo, segundo Hugo, é uma busca para Deus. Se pudéssemos, no entanto, cometer tal heresia, em termos “seculares” esta transposição seria dita nos seguintes termos:

- 1) Leitura
- 2) Reflexão
- 3) Humildade em procurar as respostas (o que supõe abertura e pesquisa)
- 4) Ação (o que supõe desdobramentos teóricos, mas também práticos e ?)
- 5) Contemplação (que é o teorizar)

A qualidade do estudo advém então, necessariamente, da qualidade da leitura. Como garantir a qualidade de cada uma destas etapas é ocasião para outros artigos. Fixemo-nos então na questão da leitura, esboçando em termos breves as suas etapas, segundo M. Adler, e classificando-a segundo graus de complexidade.

A leitura informativa visa apenas “formar opinião”, exigindo um trabalho intelectual mínimo e não elevando as capacidades cognitivas de seus leitores.

“O telespectador, o ouvinte, o leitor de revistas – todos eles se defrontam com um amálgama de elementos complexos, desde discursos retóricos minuciosamente planejados até dados estatísticos cuidadosamente selecionados, cujo objetivo é facilitar o ato de ‘formar opinião’ das pessoas com esforço e dificuldade mínimos” (2010, p. 26)

Uma vez que a leitura filosófica não busca “formar opinião”, mas “formar interlocutores”, ela exige grande esforço dos estudantes na medida em que a exposição filosófica sugere uma concatenação argumentativa, que pode pressupor axiomas, postulados ou mesmo opiniões comumente aceitas, mas que obviamente vai além destes pressupostos conduzindo o leitor a outra margem. A leitura filosófica bem realizada desenvolve a capacidade de exposição e demonstração de ideias e argumentos e se não for realizada a contento num curso de filosofia, corre o risco de servir

apenas como um ornamento no discurso, uma vaidade estudantil e não uma travessia para a cultura superior. Se o estudante conseguir ler os textos de filosofia com maestria, ele não apenas se capacita como leitor de outros tipos de leitura exigente, mas se torna competente na argumentação lógica e filosófica, na escrita, no estilo e no posicionar-se diante das aventuras do mundo.

“Quanto maior a extensão e o esforço na leitura, tanto melhor será o leitor. Quanto mais o leitor exigir de si próprio e do texto que estiver lendo, tanto melhor ele será”. (Adler, 2010, p. 26)

“Um texto é um objeto complexo; ele pode ser apanhado mais ou menos completamente – desde a ínfima parte até a totalidade daquilo que o leitor tencionava transmitir. A quantidade que o leitor conseguir ‘apanhar’ dependerá diretamente de sua dedicação à leitura da técnica que aplicar nos diversos atos mentais envolvidos”. (Idem, ibidem, p. 28)

“O sucesso na leitura será diretamente proporcional àquilo que aprendeu do que o autor quis lhe transmitir”. (Idem, ibidem, p. 30)

Adler afirma haver níveis de leitura. O primeiro sentido é o ler para se informar. “É o que ocorre quando lemos jornais, revistas, ou qualquer coisa que nos seja imediatamente inteligível – de acordo com nossa capacidade e talento” (2010, p. 30). É o tipo de leitura que nos informa, mas não forma nosso caráter, não nos transforma e pode, até, muitas vezes nos deixar abarrotado e cansado. O segundo sentido é o “ler para entender”, que é aquele no qual já se exige algum esforço de leitura. Neste sentido a obra excede o leitor, sendo maior ou melhor do que ele.

A comunicação entre desiguais, própria de um bom texto filosófico, “tem de ser algo possível, sob pena de ninguém nunca aprender nada com ninguém, seja oralmente, seja por escrito” (2010, p. 30). Aprender aqui é um aprimoramento cognitivo e não a reunião de mais informações: muitas informações não tornam o leitor mais inteligente, apenas mais informado. Destarte, a leitura filosófica prima em aperfeiçoar a inteligência, solapando a distância entre leitor e autor, de modo que possa haver uma comunicação clara entre ambos.

“Na história, sempre houve ignorantes alfabetizados, isto é, pessoas que leram muito, mas leram mal” (2010, p. 33). Por conseguinte, há níveis

de leitura e compreensão e um texto mal lido é também sinal de limitação nas capacidades cognitivas, afetivas e imaginativas. Quanto mais se lê, melhor se escreve, maior domínio da linguagem oral e escrita, maior capacidade de síntese e concatenação, maior vida interior, desde que se use de modo adequado e satisfatório as ferramentas propostas pela leitura. Caso isso não aconteça, a escrita e a compreensão podem melhorar significativamente, mas com muito esforço, com muito dispêndio de tempo e com maior dificuldade de compreensão. A proposta então seria expandir a capacidade cognitiva, afetiva e imaginativa a partir de um maior desafio de compreensão. Assim como temos de gotejar paulatinamente os desafios às crianças, indo de grau em grau no nível de complexidade, do mesmo modo, podemos oferecer aos estudantes livros clássicos a partir de diferentes graus de dificuldade, de modo a garantir que possam avançar para níveis de leitura cada vez mais complexos.

Seguindo a proposta de educação pelo *Trivium*, sabemos que a “função da linguagem é tripla: comunicar pensamento, volição e emoção”. (JOSEPH, 2014, p. 31). Deste modo, cada um destes três pilares, pensamento, volição e emoção estão circunscritos a um saber distinto, aqueles recomendados pelo *Trivium*: lógica, retórica e gramática, ou a uma das três cores básicas, amarelo, vermelho e azul, ou ainda a um dos três aspectos do Ser: verdadeiro, belo e bom. A educação pelos clássicos promoveria o desenvolvimento destas três potências uma vez que ela exige esforço lógico, argumentativo e hermenêutico. Da palavra *trivium* surgiu a palavra trivial, que era a educação dada aos adolescentes a partir dos 14 anos. Se considerarmos que nossos estudantes saem do ensino médio sem a possibilidade de avançar além da leitura elementar, percebemos como houve um enorme decréscimo educativo e como esta proposta não é apenas urgente, mas verdadeiramente revolucionária.

“Pensar é apenas parte integrante da leitura. É necessário que os sentidos e a imaginação entrem em cena – é necessário observar e lembrar e, se algo não puder ser observado ou lembrado, deve ser construído imaginativamente. (...) A arte de ler engloba todas as habilidades que são utilizadas na descoberta sem auxílio: observação apurada, memória rápida, imaginação fértil e, é claro, intelecto devidamente treinado para análises e reflexões. Afinal, ler também é descobrir – com ajuda, é verdade”. (2010, p. 35).

Há uma famosa frase de Hugo von Hofmannsthal que diz que “nada está na realidade política de um país que não esteja antes na sua literatura”. Desta maneira a articulação entre conhecimento, imaginação e ação é revelador também de algo que excede a mera aquisição cultural: ele desvela a própria conjuntura política e social de um povo, já que as formas literárias criam a estrutura imaginária de um povo a partir de esquemas repetitivos. O grande Machado de Assis já dizia:

“A literatura e a política, estas duas faces bem distintas da sociedade civilizada, cingiram como uma dupla púrpura de glória e de martírio os vultos luminosos da nossa história de ontem. A política elevando as cabeças eminentes da literatura, e a poesia santificando com suas inspirações atrevidas as vítimas das agitações revolucionárias, e a manifestação eloquente de uma raça heroica que lutava contra a indiferença da época, sob o peso das medidas despóticas de um governo absoluto e bárbaro. O ostracismo e o cadafalso não os intimidavam, a eles, verdadeiros apóstolos do pensamento e da liberdade; a eles, novos Cristos da regeneração de um povo, cuja missão era a união do desinteresse, do patriotismo e das virtudes humanitárias.”(ASSIS, *O passado, o presente e o futuro da literatura*)

Se acaso formularmos perguntas a um professor, o mesmo vai se esforçar em respondê-las. No entanto há perguntas que talvez eles não saibam a resposta e precisarão consultar nos livros. Podemos nós então tomar o partido do professor e formular questões aos livros e forçar que eles respondam: este giro de deixar o livro falar ou apontar os caminhos onde as respostas poderão ser encontradas nos mostra também que esta travessia da leitura é muito mais radical e dinâmica do que se apercebe à primeira vista, uma vez que ela abre um leque de possibilidades inauditas, impensadas e de encontros carregados de singularidade e autotransformação. Ora, o livro vai te responder apenas de acordo com sua própria capacidade de compreensão das respostas e perguntas elaboradas e não de acordo com o próprio livro apenas. O esforço hermenêutico é notável.

Para Adler quanto mais esforço exige um livro, melhor. (2010, p. 37) Quanto mais refletimos sobre este esforço, mais podemos também enumerar princípios para um método de autoeducação. Autoeducação não

significa, porém, autodidatismo: a primeira seria um método autorreflexivo sobre o ato de aprender e as estruturas capazes de tornar a aprendizagem mais rápida, prazerosa e ampla.

Na segunda parte deste ensaio procurarei mostrar melhor os quatro níveis de leitura, especificando cada um deles, e modo a caracterizar o objetivo de cada um destes níveis, seus desafios, dificuldades e resultados. Ademais, procurarei mostrar também como Aristóteles pode ser um bom mestre para aqueles que se aventuram nas trilhas da autoeducação e autoformação.

Bibliografia

ADLER, M. **Aristóteles para todos**. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. **Como ler livros**. São Paulo: É Realizações, 2010.

ASSIS, M. **O passado, presente e futuro da literatura**. Presente em: https://pt.wikisource.org/wiki/O_Passado,_O_Presente,_e_o_Futuro_da_Literatura, acesso em 28 de agosto de 2015.

JOSEPH, Ir. M. **O Trivium**. São Paulo: É Realizações, 2014.

SÃO VITOR, H. de. **Didascalicon**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

